



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS
CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA


ATA DA 3ª AUDIÊNCIA PÚBLICA DO 1º PERÍODO DA 19ª LEGISLATURA DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS-PB, PARA DEBATER OS DESAFIOS E AS PERSPECTIVAS DE ACOMPANHAMENTO DO TRANSTORNO ESPECTRO-AUTISTA (TEA), REALIZADA NO DIA 30 DE ABRIL DE 2025.

Aos trinta dias do mês de abril do ano dois mil e vinte e cinco, com início às dezenove horas, em sua sede, localizada na Rua Horácio Nóbrega, nº 600, no Bairro Belo Horizonte, nesta cidade, reuniu-se a Câmara Municipal de Patos, sob a presidência da Vereadora Valtide Paulino Santos, secretariada pelos Vereadores: José Ítalo Gomes Cândido, 1º Secretário “Ad hoc”, e Maikon Roberto Minervino, 2º Secretário “Ad hoc”. Compareceram a esta sessão os Vereadores e Vereadoras: Brenna Victória Leonardo Ferreira Nóbrega (PSB), Francisco Simões de Lucena (REPUBLICANOS), João Batista de Souza Júnior (União Brasil), Jônatas Kaiky de Oliveira Santana (REPUBLICANOS), José Ítalo Gomes Cândido (REPUBLICANOS), Maikon Roberto Minervino (PP), Maria de Fátima Medeiros de Maria (REPUBLICANOS), Rafael Gomes Dantas (União Brasil) e Valtide Paulino Santos (REPUBLICANOS), em um total de 09 (nove) Vereadores e Vereadoras. A Senhora Presidente solicitou os Vereadores Maikon Minervino e Jônatas Kaiky para receber os seguintes convidados: Elisângela Torres Corsino, representando a ASPAA - Associação de Pais e amigos dos Autistas; Gigliana Maria Sobral, cirurgiã dentista; Jamerson Ferreira, representando os pais dos autistas; Jossely Oliveira, mãe solo de autistas, especialista em autismo; Sônia Medeiros, Coordenadora do Núcleo de Educação Inclusiva da Secretaria de Educação de Patos. Em seguida, a Senhora Presidente declarou aberta a Sessão: “Invocando a proteção de DEUS e de Nossa Senhora da Guia, Padroeira de nossa cidade, em nome do povo patoense, declaro iniciados os nossos trabalhos”. Com a palavra, o 1º Secretário “ad hoc”, após cumprimentar e dar as boas-vindas, procedeu a leitura do dia: “ESTADO DA PARAÍBA. CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS. CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA. GABINETE DO VEREADOR ÍTALO GOMES. REQUERIMENTO Nº 555/2025 - SOLICITO A PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS, TIDE EDUARDO, UMA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA A SEMANA MUNICIPAL DE CONSCIENTIZAÇÃO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA). Na forma regimental, após consultado o Plenário, requeiro a Vossa Excelência que seja agendada uma audiência pública com o objetivo de promover a conscientização acerca do Transtorno do Espectro Autista (TEA), em alusão à Semana Municipal de Conscientização do autismo, a ser realizada no mês de abril. Justificativa: A audiência pública visa discutir temas relevantes sobre o diagnóstico, a inclusão social, as políticas públicas de apoio, além de oferecer um espaço para que especialistas, familiares e pessoas com o Transtorno do Espectro Autista possam compartilhar experiências, promover debates construtivos e buscar soluções para melhorar a qualidade de vida e a inclusão plena dessas pessoas na sociedade. A realização desse evento contribuirá para o fortalecimento das políticas públicas voltadas ao apoio das pessoas com autismo e suas famílias, além de promover a disseminação de informações corretas e sensíveis sobre o tema. Conto com o apoio de Vossa Excelência, Presidente da Câmara Municipal de Patos, Tide Eduardo, para a realização desta

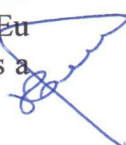
importante iniciativa, e de todos os pares desta Casa. SALA DAS SESSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS-PB. CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA. EM 20 DE MARÇO DE 2025. José Ítalo Gomes Cândido – Vereador autor.” A Senhora Presidente convidou a Senhora Júlia Sulpino, Coordenadora da Saúde Mental do Município de Patos; Sônia Medeiros, Coordenadora do Núcleo de Inclusão da Secretaria de Educação; Rosângela, Diretora do CER do nosso município; Pretinha, Coordenadora do CAPS Infantil, para fazerem parte dos trabalhos. Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o **Vereador José Ítalo Gomes Cândido**, dizendo: “Boa noite a todos! Senhora Presidente, em seu nome gostaria de saudar toda a mesa que está aqui compondo a Audiência Pública na noite de hoje. Gostaria de agradecer nominalmente as presenças: do Vereador Rafael, da Vereadora Brenna, do Vereador Jônatas, do Vereador Maikon, do Vereador Galeguinho, do Vereador Júnior Contigo e da Vereadora Fatinha, que prestigiam esse momento de tão grande relevância para a cidade de Patos. Agradecer a vocês, a presença nessa audiência de nossa autoria, para discutir um tema que anualmente tem espaço nesta Casa, com essa Audiência Pública, para fechar o mês de conscientização do autismo, que é o mês de abril, e essa Audiência Pública tem um efeito muito positivo. Nós sabemos que é um tema muito relevante e que precisa ser discutido, amigo, colega, ex-vereador desta Casa, Vereador Jamerson, eterno vereador. É um tema que precisa ser discutido todos os dias, pois a cidade de Patos, com relação ao apoio Legislativo, o apoio desta Casa, com relação as proposições, aos Projetos de Lei, esta Casa está muito bem no que diz respeito ao autismo. E isso não foi algo que nós conseguimos resolver nesta Casa, com relação ao aparato legal que nós temos, que garante carteirinha às pessoas com autismo, que garante estacionamento, que garante o profissional de apoio, através da Secretaria de Educação, a semana de conscientização do autismo e tantos Projetos de Lei que esta Casa já tem em seu Corpo Legislativo. Dizer que esta Casa reconhece o trabalho de tantos Vereadores, que passaram nesta Casa, e que estão aqui ainda discutindo e trazendo pautas tão relevantes a respeito do autismo. Reconhecer o trabalho, inicialmente da ex-vereadora Lucinha Peixoto, que foi quem de fato primeiro falou aqui nesta Tribuna sobre autismo, quando ninguém nesta cidade ainda falava, Lucinha já discutia nesta Casa. E isso é um reconhecimento público que precisa ser feito, porque realmente foi a pessoa que inicialmente levantou a bandeira e, juntamente com o seu filho, juntamente com Elisângela, a sua nora, fez a cidade de Patos reconhecer de fato o que é autismo, e começar a discutir. E de lá pra cá nós temos inúmeros diagnósticos, inúmeras crianças que tem sido diagnosticada com autismo, e a política pública sobre autismo precisa ser ainda mais abrangente. Nós sabemos que a cidade de Patos avança, avançou e avançará ainda mais no que diz respeito a essas políticas públicas, mas tem muito ainda a ser feito. Nós sabemos que existe um tema que a nossa cidade possa discutir ainda mais fortes sobre autismo, que é a questão das terapias. Diuturnamente, eu recebo ligações de mães, de pais, que dizem: ‘Vereador Ítalo, o meu filho está aguardando uma sessão com a fono, está aguardando o TO’. E nós sabemos que é uma demanda muito grande, até porque os autistas, as crianças, que são acompanhadas pelo CER, pelo CAPS, são terapias que não tem um limite: pra dizer assim: ‘olha, vai ser dez sessões, e a gente vai chamar uma nova criança’. Nós sabemos que isso é algo que precisa ser feito sem tempo determinado para parar essas terapias. Então é um tema que com relação a isso precisa ser discutido na noite de hoje. A coordenadora está aqui pra gente tentar ver o que a gente pode trazer aqui com relação a essa melhoria, a esse acesso, a essa política pública, ao acesso em saúde. Nós sabemos que muita coisa já foi feita, e essa Casa é grata, eu sou muito grato, a política pública, o Prefeito Nabor, o Secretário

Leônidas tem dedicado forças, atenções, para as crianças com autismo, para as pessoas que têm autismo, mas muita coisa precisa ser feita, precisa ser melhorada. Isso é fato, e a nossa cidade sabe disso. Mas a minha fala, para não se alongar, desejar boas-vindas a todos vocês. Dizer que na noite de hoje esta Casa está extremamente feliz, pois é uma audiência extremamente prestigiada, muito prestigiada. Desejar as boas-vindas. E para não me alongar, que tem muita gente que precisa falar, a gente só agradece a presença de todos. fiquem todos muito à vontade para trazer e tratar o tema na noite de hoje, na tribuna da Casa Juvenal Lúcio de Sousa. Muito obrigado". A Senhora Presidente Valtide Paulino Santos convidou a Secretária de Educação de Patos, Adriana Carneiro, para fazer parte dos trabalhos, e o Presidente da OAB Patos, Cleodon Bezerra, para fazer parte dos trabalhos. Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra a psicopedagoga **Elisângela Corsino** - Vice-presidente da ASPAA, dizendo: "Boa noite! Boa noite senhores vereadores, em nome da Presidente Tide saúdo todos os parlamentares, a todos aqui presentes. Muito obrigada pela presença. A gente já vem aqui agradecer a presença daqueles que receberam o convite desta Audiência Pública, acolheram e estão aqui para debatermos um pouco sobre autismo. Meu nome é Elisângela Torres, estou como vice-presidente da ASPAA, e hoje estou aqui falando em nome da associação. O nosso Presidente, Wesley, não pode estar aqui conosco por motivo de saúde. Hoje pra nós como ASPAA é uma noite muito especial, nós esperamos durante todo o ano para que chegue o mês de abril para que nós possamos estar aqui na Casa do povo, para debater, para falar de autismo, para buscar soluções e melhorias para as nossas pessoas autistas, porque nós precisamos falar de autismo onde quer que nós estejamos. O Vereador Ítalo foi muito feliz na fala dele, e eu lembrava hoje, que eu sempre estive aqui em todas as audiências, até conversava com Corrinha, que é Psicopedagoga também, e eu lembrava que desde dois mil e dezoito, quando teve a primeira Audiência Pública, como o Vereador lembrava da Vereadora Lucinha, nós estávamos aqui, e ainda nem existia ASPAA, a ASPAA ainda nem tinha sido fundada. E foi a partir dessa Audiência Pública que foi falado aqui, a gente teve umas das audiências, eu acredito, que a Câmara mais lotada de pais, de pessoas autistas, de pessoas querendo saber sobre autismo, de famílias que precisavam que alguém viesse aqui falar sobre a condição que estava sendo vivenciada na sua família. Então, desde dois mil e dezoito que a Câmara vem falando, vem nos ajudando, vem conscientizando, vem acolhendo a nós como ASPAA. E nesta noite importante, nesta noite, a qual a gente vai aqui conversar, vai debater sobre situações do dia a dia que as nossas pessoas autistas, porque nós temos o hábito de falar as crianças, mas essas crianças estão crescendo, aqui nós temos autistas adultos também. Então nós temos sempre que estar pensando também nessas políticas públicas para os autistas adultos, os jovens, os adolescentes, e não só as crianças. É claro que nós precisamos intensificar o tratamento dessas crianças enquanto são pequenas, na primeira infância, mas todas as pessoas autistas precisam desse olhar, precisam desse cuidado. E a ASPAA, esse ano, traz como tema: 'Autismo: entenda e respeite a sua diversidade'. Como nos outros anos, já trouxemos aqui temas importantes, como em dois mil e vinte dois, onde nós trouxemos o tema: 'Unidos pela Inclusão', no final da audiência, nós fizemos até um vídeo lindo com os vereadores, com todo mundo que estava presente, porque, como ASPAA, nós observamos que naquele momento era o que a cidade de Patos precisava, precisava falar mais de inclusão pra essas pessoas autistas. Em dois mil e vinte três, nós trouxemos aqui para Câmara o tema: 'Autistas crescem'. E como foi importante trazermos esse tema aqui para esta Casa, porque muitas pessoas que sabiam que tinham os sintomas, mas não tinham coragem de se reconhecer, buscaram diagnóstico na fase adulta. Então

foi muito importante a ASPAA ter trazido esse tema aqui para a Câmara. E em dois mil e vinte quatro, nós trouxemos o tema: 'Quem cuida precisa de cuidado'. Um tema importantíssimo que precisa estar sempre em pauta, porque esses cuidadores, esses pais, esses profissionais, esses professores, precisam também de cuidados, porque para cuidar bem, você precisa estar bem. Então são temas que a ASPA vem trazendo para esta Casa Legislativa pra poder tentar melhorar a vida dessa pessoa autista. E esse ano, como o tema já foi colocado: 'Entenda e respeite a sua diversidade'. Com relação a esse tema, a gente pensou no seguinte: tem muitas pessoas aqui, em nosso meio, até mesmo parlamentares, vereadores, que estão aqui há bastante tempo participando dessas Audiências Públicas, mas ainda não sabem o que é autismo. A gente descobriu, em reuniões, que pessoas só abrem os olhos para enxergar, para escutar ou para falar de autismo no mês de abril. E a ASPA não é só no mês de abril, as famílias não vivenciam o autismo só no mês de abril, mas todos os dias, todos os instantes, vinte e quatro horas por dia. Então, assim, a gente precisa fazer com as pessoas saibam o que é o transtorno, porque quando você entende, quando compreende o que é, quando você tem a informação do que é, você começa a tratar de forma diferente. Então, por isso a ASPA se preocupou em falar: 'Entenda o que é o autismo'. E nesse entender o que é autismo, nesse mês de abril, a ASPA esteve em vários locais aqui em Patos. A ASPAA esteve em colégios, falando de autismo; a ASPAA esteve em praças; a ASPAA esteve nos CRAS aqui de Patos; a ASPAA esteve em igrejas; a ASPAA esteve em cidades vizinhas, porque a ASPAA – Associação de Pais e Amigos dos Autistas de Patos e Região, também abrange a região de Patos. Então estivemos em vários locais. Empresas, nós estivemos falando sobre autismo; em supermercados, falando sobre autismo. Então, justamente isso, para que as pessoas saibam o que é o transtorno, sabendo o que é o transtorno, possam respeitar a sua diversidade, respeitar a pessoa autista, porque todos merecem respeito. E as pessoas autistas precisam e merecem esse respeito, porque se você conhece um autista, você conhece 'um' autista, são todos diferentes; e nós precisamos aprender sobre isso. Nós não podemos colocar todos juntos, aí eu já levo para a questão educacional, a partir de um PEI, pegar um PEI e colocar para uma criança autista, e esse mesmo PEI colocar para outra criança. Não! São pessoas totalmente diferentes, e precisam desse olhar diferente. Então, hoje, como ASPAA, a gente, mais uma vez, solicita à Secretaria de Educação que melhore. A gente já avançou muito, é verdade. A gente já avançou muito, mas a gente precisa buscar melhorias, Adriana, para os professores, para os mediadores e para aqueles que lidam diretamente com o aluno autista, porque tem que se falar de autismo. Quando você conhece a realidade e quando você sabe o que é, você sabe lidar. E a gente percebe que muitos professores, muitos cuidadores precisam. Então, precisa, sim, de formação. Eu sei que foi dada uma formação esse ano, mas a gente precisa de mais. Nós como mães, eu sou mãe autista, tem momentos que eu percebo que não sei nada de autismo, e eu vivo o autismo vinte e quatro horas por dia. Então, essas formações são necessárias. Para a Secretaria de Saúde, a gente precisa pensar em estratégias para melhorar esse atendimento das nossas crianças, que em alguns casos, como o Vereador colocou, tem crianças que estão esperando há mais de quatro anos por uma terapia no CER. Eu sei que a demanda é grande, mas é por isso que a gente está aqui hoje, para buscar estratégias, para expandir esse atendimento. A gente precisa buscar soluções, porque essas crianças estão deixando de se desenvolver. A minha fala é só essa. Eu agradeço a presença de vocês. E que nós possamos realmente levar alguma solução, sair deste momento aqui levando alguma solução, porque tem crianças que estão deixando de se desenvolver porque não estão sendo estimuladas. Muito obrigada". A Senhora Presidente disse: "É uma honra, hoje, receber uma pessoa muito

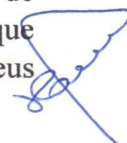


amada nossa, a querida professora Gigliana, que hoje veio a esta Casa”. Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da Tribuna a **professora Gigliana**, que disse: “Saúdo Vossa Excelência, Tide Eduardo, muito querida, colega de trabalho também, cirurgião dentista, em nome da qual eu saúdo os demais vereadores aqui presentes. Saúdo também pais, familiares e pessoas dentro do espectro autista, demais aqui presentes, boa noite. Eu quero tornar a minha fala sucinta, mas a minha responsabilidade aqui é grande, porque também sou mãe de duas crianças que estão dentro do espectro autista, e o que eu venho trazer aqui é a discussão a respeito da importância de cada um de nós para que as mudanças aconteçam, partindo da minha responsabilidade de estar aqui apresentando demandas que não são apenas deles, mas dos demais que fazem parte dessa comunidade que a ASPAA representa, da qual eu também faço parte. Meu nome é Gigliana, tenho cabelos castanhos, olhos castanhos, são encaracolados, uso uma camisa representativa da associação da qual eu faço parte, e também uma calça na cor salmon. Estou fazendo essa descrição em respeito as pessoas que apresentam deficiência visual e que também poderão assistir, mediante a TV Câmara, no site, que disponibiliza desse espaço para que eles também participem dessa ocasião em que a gente, enquanto sociedade, tem espaço para discutir o que é do nosso interesse. Então, da mesma forma que existe essa minha responsabilidade enquanto sociedade, enquanto mãe de duas crianças que apresentam TEA, existem também a responsabilidade dos senhores vereadores. A gente agradece este espaço, porque a gente vê ocasião de conversar com aqueles que têm o poder de nos ajudar. E esse poder, a gente entende que não foi apenas num movimento democrático que cada um de nós veio trazê-los até aqui, mas é um poder que vem do céu, do Pai, de quem nos criou, nos gerou. Eu sou cristã, então, acredito que no momento em que Deus, Cristo, o meu Mestre, se sacrificou, a gente acabou de passar por um processo de relembrar, que representa a Semana Santa, o sacrifício dele por nós. Então, quando Ele teve a chance de se defender, e Pilatos colocou para Ele: ‘você é o Rei, então por que você não sai dessa situação?’. Então, Ele falou: ‘nenhum poder teríeis sobre mim se do céu não te fosse dado’. Então o poder que vocês têm hoje foi dado pelo Pai Celestial. Vocês têm um poder de nos ajudar. Então, quando Elisângela me deu a oportunidade de falar aqui para os senhores e senhoras vereadores, eu não poderia me eximir da minha responsabilidade. E agora estou evocando a responsabilidade que os senhores têm diante do Pai Celestial. E é impossível, gente, não me emocionar, e eu peço desculpas por isso. Mas, existem demandas no setor saúde, no setor educação, que a querida Adriana, que ela sabe que eu a amo demais, e fico muito feliz de vê-la aqui. Lindamente ela conduz, mas existe sempre como melhorar. E ao passo que eu lhe agradeço, eu quero colocar propostas para a educação. Também para a saúde. E eu estou muito feliz porque eu vejo as pessoas, que podem fazer a mudança, estarem aqui presentes. Então, não estou apenas trazendo para mim, porque a gente tem muita responsabilidade, gente. Não estou trazendo apenas para os senhores vereadores, mas trazendo para quem, do Executivo, também pode fazer mudança. Essa mudança, eu vou tentar ser breve, para não ocupar muito tempo. Eu ouço esse lindo aí falando, porque essa é uma forma dele se expressar, meu filho é minimamente verbal, um deles, o que tem sete anos; o de onze anos se comunica verbalmente muito bem, mas quando eu o escuto falando, estou ouvindo meu filho. E eu estou usando esse espaço para ser a voz dele neste momento, a voz de tantas outras crianças que são minimamente verbais, assim como ele. E essa voz agora, eu quero utilizar, não para dizer: ‘ah, por que não se tem feito? É muito pouco.’ Mas: o que é que a gente pode fazer? Vamos pontuar algumas propostas para a educação, por exemplo. Eu tenho filho, os dois estudam em escola particular, e eu vejo o esforço da escola, mas a

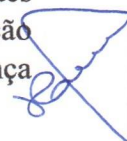


gente percebe que ainda precisa de adaptação, a gente que acompanha vê. Vamos fazer alguns ajustes. E para incentivar, não só da rede privada, mas da pública também, quem sabe? Colocar um prêmio para a escola amiga do autista, aquela escola que se dedica a fazer essas adaptações, que os pais ou ASPAA perceberem que estão fazendo a diferença, a gente já vê um movimento nesse sentido, gente, graças a Deus. Um movimento, nesse sentido, está aqui, gente, a gente conseguindo falar isso. E o movimento, nesse sentido, é ver da escola, a gente apresentando a demanda, e eles ajudando. Ver, por exemplo, às vezes, eu quero pegar o meu filho, e não tenho espaço lá na frente da escola para eu parar. Ainda tem dificuldades em relação à direitos, por exemplo, da sociedade. Tem a vaga destinada às pessoas com deficiência, mas tem alguém que não tem a credencial, e para nessa vaga. Aí é a responsabilidade de cada um da sociedade. Mas, a escola fez isso, a STTRANS, e nós enquanto sociedade? Então, quando eu falo há uma proposta, vamos pensar nisso, da educação, de eleger aquela escola amiga do autista, como incentivo para essa escola fazer a mudança. Não sei, de repente, eu até vi com Eli: ‘vamos, Eli, escrever esse projeto’. Se algum vereador abraçar a causa, eu estou junto, eu estou aqui para isso. E fui pontuando algumas coisas, detalhando, como é que a gente vai escolher, quais são os critérios. Isso aí já está na minha mente, mas pode ser melhorado, a gente conversa e coloca adiante. Um dos pontos da educação seria esse. Aliás, teve até paralisação, porque os professores querem também. Qual incentivo eu tenho para ajudar essa criança? Aí a escola, qual incentivo? De repente, algo fiscal? A gente pode pensar. Então são algumas inquietações minhas que eu quero trazer como inquietações para os senhores e senhoras também. Vou puxar a sardinha para a minha área, que é a saúde. Eu sou cirurgiã dentista de formação, atendo num pronto atendimento odontológico, o PA Maria Marques, e em relação a dificuldade, eu diria assim, uma limitação nossa, de oferecer, por exemplo, sedação para quem é nível três de suporte. E me questionam os meus auxiliares: ‘doutora, encaminha para o CEO’. E eu sei a fila que tem no CEO. E eu converso com a minha amiga Kaká, que vocês devem conhecer, que atende no Centro de Especialidades pacientes com necessidades especiais, mas mesmo para ela, entendam que acontecem casos que a gente tem que fazer contenção da criança. Até para o dentista isso não é interessante de fazer. Talvez a sedação fosse uma forma mais respeitosa. Então, por que não oferecer no setor público? Que já existe no setor privado. Então, para a saúde e para a educação existem formas, maneiras, de a gente pensar em como fazer. E essa minha fala é praticamente para isso, e para agradecer porque vocês deram voz ao meu filho, nessa ocasião. Muito obrigada a todos aqui presentes, para não me prolongar mais. E a todos uma boa noite”. A Senhora Presidente convidou Jossely Oliveira para fazer parte dos trabalhos. O Mestre de Cerimônia registrou a presença do senhor Edson Dantas, representando a Juíza Joscileide Ferreira de Lira, da Sétima Vara, aqui na cidade de Patos, em seguida, convidou a senhora Sônia Medeiros para receber Voto de Aplauso das mãos da Senhora Presidente. A qual tem especialização em saúde mental, é neuropsicopedagoga, coordenadora geral do núcleo de educação inclusiva da Secretaria Municipal de Educação. Na sequência, fez a leitura do Voto de Aplauso: “**CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS. CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA. Voto de Aplauso. A CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS TEM A HONRA DE HOMENAGEAR O *Núcleo de Inclusão* PELA IMPORTÂNCIA E FUNDAMENTAL COLABORAÇÃO DISPENSADA À SOCIEDADE DE PATOS. Valtide Paulino Santos – VEREADOR (A) AUTOR (A). Valtide Paulino Santos – PRESIDENTE DA CÂMARA. DATA: 30 de abril de 2025. REQUERIMENTO Nº 654/2025.**” Justificativa do Voto de Aplauso: “Na última quinta-feira, dia três, os profissionais de apoio escolar, outros educadores e profissionais

envolvidos no setor de inclusão educacional da cidade de Patos, tiveram a chance de participar de uma formação única, sobre educação inclusiva. O evento intitulado: 'educação inclusiva em novas perspectivas', foi realizado durante todo o dia no Patos Walter Play, localizado na BR-230, em Patos, com uma programação especial voltada para fortalecer práticas inclusivas e promover uma educação acessível para todos." A senhora Sônia Medeiros recebeu um Voto de Aplauso, das mãos de seu autor, o Vereador Jônatas Kaiky. A gente convida para fazer a entrega. "CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS. CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA. *Voto de Aplauso*. A CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS TEM A HONRA DE HOMENAGEAR **Sônia Medeiros** PELA IMPORTÂNCIA E FUNDAMENTAL COLABORAÇÃO DISPENSADA À SOCIEDADE DE PATOS. Jônatas Kaiky O. Santana – VEREADOR (A) AUTOR (A). Valtide Paulino Santos – PRESIDENTE DA CÂMARA. DATA: 30 de abril de 2025. REQUERIMENTO Nº 671/2025." Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra a **Senhora Sônia Medeiros**: "Excelentíssimo senhor líder do governo, Maikon Minervino, Senhora Presidente da Câmara Tide Eduardo, Senhores Vereadores, Secretária de Educação, Adriana Carneiro, representantes da Associação de Pais ASPAA, professores, cuidadores, familiares, e em especial as queridas pessoas autistas. É uma honra participar desta Audiência Pública, que trata de um tema tão necessário e urgente. O autismo e os desafios enfrentados por crianças, jovens e famílias, em nosso município. Como coordenadora de inclusão que hoje estou, com a responsabilidade de quem escuta, Elisângela, diariamente, mães, professores, cuidadores e, principalmente, crianças, que com os seus jeitos únicos de estar no mundo, me ensinam a cada dia a verdadeira inclusão. Isso é um avanço, é o resultado de um trabalho comprometido com uma educação mais justa e acessível. É prova de que quando há vontade política, planejamento e diálogo, a inclusão escolar acontece. Nós também sabemos que ainda há muito que se fazer. A inclusão não pode parar na porta da escola, ela precisa se estender à saúde, à assistência, ao lazer, a empregabilidade no futuro das nossas crianças autistas, que crescem e viram adultos autistas. É por isso que nesse momento aqui, com a presença de vereadores, secretários e representantes da sociedade civil, é tão importante, porque ele representa um chamado à corresponsabilidade. Seguimos com desafios na formação continuada dos profissionais, sim. Vocês que estão na plateia, quantos cuidadores, quantos profissionais de apoio, estão aqui? Vocês precisam de formação. E no Abril Azul, dia três, nós oferecemos a primeira formação em Rede 2025, onde trouxemos profissionais da saúde, doutores e mestres, com experiência clínica e institucional, para que a gente pudesse dar o primeiro ponta pé. É um compromisso da educação, é um compromisso da secretária Adriana Carneiro, na formação continuada de vocês. Vocês terão sim, uma formação continuada para que vocês estejam prontos para atender não somente a criança da escola pública, que é o público alvo de vocês, mas da escola privada, da empresa onde vocês estiverem trabalhando e, o futuro de vocês será de competência para lidar com pessoas autistas, as crianças de vocês se tornaram adultos. Agradeço a nossa secretária municipal de educação, que tem conduzido a educação do município com dedicação, diálogo e coragem para enfrentar os desafios que a inclusão exige. Sua liderança tem sido uma ponte entre a política pública e a realidade da escola. Aos cuidadores, minha mais profunda gratidão, vocês são presenças diárias, apoio constante e afeto indispensável na rotina das nossas crianças. A formação de vocês é uma prioridade, e o reconhecimento do papel que desempenham é uma necessidade. É claro, as famílias, nenhuma política de inclusão se sustenta sem o protagonismo de você. São vocês que lutam, que buscam, que acreditam e que, muitas vezes, são a primeira voz a exigir respeito e direito para os seus

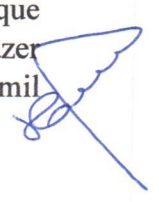


filhos. Tenham em mim, e na nossa coordenação inclusão, uma parceria permanente. Seguimos firme no propósito de garantir não apenas o acesso na permanência, participação e aprendizagem das nossas crianças com autismo, a inclusão é um caminho coletivo, e só é possível quando cada um fizer a sua parte, com empatia, responsabilidade e compromisso com a dignidade humana. Por fim, agradecer a todos pela presença, e reafirmo compromisso de seguir avançando na construção de uma educação mais inclusiva, acessível e humana para todos. Que esta audiência, Elisângela, Ítalo, seja o marco de um novo tempo, um tempo em que a escuta vire ação, em que o orçamento reflita as prioridades, e que a inclusão seja de fato um direito garantido para todos. Como coordenadora de inclusão, eu vejo, desde o início, um avanço muito grande em relação às escolas. Vi uma profissional de saúde falando aqui é uma mãe de criança também autista, e eu digo que também tenho vivência em escolas particulares, a minha vivência em CAPS infantil, Rosângela, eu conheço esses desafios, eu fui uma das primeiras psicopedagogas do CAPS infantil a se especializar em saúde mental. Por isso eu acredito na formação continuada, porque quando tive a oportunidade de estar no CAPS infantil, que chegaram as primeiras crianças autistas, eu dizia: 'E agora? Eu preciso me preparar ter uma formação para que eu possa contribuir de fato com a qualidade de vida dessas crianças. Então eu buscava uma formação, enquanto pedagoga, em saúde mental. E eu atendia lá na minha sala, cada criança, recebendo cada mãe, e um dos nossos maiores desafios era o autismo. Quando a criança com deficiência intelectual chegava, e a gente meio que já sabia como lidar com elas, até no processo de ensino e aprendizagem, a gente já entendia, aquela história: 'aprende de forma mais lenta'. Mas o autismo era muito novo pra gente. Eu cheguei a trabalhar na Escola Gente Inocente e Evolução, onde o filho de Jamerson estudava, e Jamerson passava por grandes desafios. Eu conheci de perto essa realidade, porque, na verdade, os professores, todos nós, que também sou professora de chão de sala de aula, nós não fomos formados, nós não saímos de uma universidade preparados para lidar com criança com deficiência. Nós saímos da sala de aula com uma formação para trabalhar a aprendizagem, para desenvolver a aprendizagem. E às vezes, questionam muito: 'ah, porque o professor não preparou um plano individual de ensino para criança'. Nós já entendemos, já visitamos as escolas, e a gente ver que as salas de atendimento especializado, que têm profissionais aqui, as salas de AE, também atendem as crianças com autismo. Então, na Escola Pública Municipal, a gente já ver esse avanço, e eu acho que metade dos profissionais de apoio está aqui, e a outra metade está nas universidades, em aula. Eles ligavam pra mim: 'Sônia, a gente faz Pedagogia, a gente estuda à noite', e eu dizia: "eu fico muito feliz, não se preocupe, vá para a sua formação continuada". E os demais estão aqui. A criança tem horário, um momento oposto à sala de aula, nas salas de atendimento de AEE. E a gente ver que isso também já é um grande avanço, porque a Secretaria tem aumentado, tem ampliado essas salas de atendimento especializado. Quase todas as escolas, e aquela que não tem ainda, por não ter um espaço dentro da escola, a escola mais próxima atende essa criança no horário oposto. Então, a gente ver aqui a equipe multiprofissional NIP. Hoje nós temos também psicólogos, assistente social, psicopedagogo dentro das escolas públicas municipais. Isso também é um grande avanço. E esse ano foi ampliado a equipe. Então, a gente tem passos longos. É um sonho a gente dizer assim: 'um dia vai ter um psicólogo na escola, um dia vai ter um assistente social dentro da escola', e hoje nós temos, avançamos bastante. Mas precisamos avançar mais. Dentro do processo de inclusão, no Abril Azul, nós focamos na questão das dificuldades ainda sobre o autismo. Eu vejo Rosângela, a gente é muito articulada na questão educação e saúde, eu tenho cada dia mais tentado fortalecer a rede pra que quando uma criança

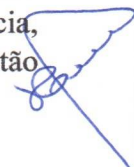


chegue a ter o núcleo de inclusão, e a mãe diz assim: ‘ele não está conseguindo a escola, porque ele está totalmente desregulado, eu não estou conseguindo a medicação’. Então a gente procura o serviço, a gente procura agilizar o porquê que essa mãe não está conseguindo. Então assim eu tenho tido essa resposta de vocês, mesmo sabendo das dificuldades. E me deixo aqui à disposição. Achei brilhante a sua ideia, porque não a gente estar com um projeto onde a gente possa estar premiando a Escola Amiga do autista. Então, tudo que vier de novo para contribuir, a gente vai estar aqui, enquanto representante da educação, enquanto coordenadora de inclusão, e me deixo em inteiro dispor para qualquer ideia nova que venha melhorar ainda mais esse trabalho de inclusão no município de Patos. Então, a escola pública municipal de Patos avançou, e avançou muito, mas precisa melhorar. Muito obrigada a todos”. Com a palavra, o Mestre de Cerimônia disse: “Neste momento o cerimonial convida o jovem autista Samuel Filho, filho da professora Ana Maxixe, estudante do Coriolano de Medeiros, que vai trazer para os senhores uma breve mensagem”. Com a palavra, o jovem **Samuel Filho** disse: “Em nome da Presidente da Câmara Tide Eduardo, saúdo aos demais presentes. Eu sou Samuel Filho, eu tenho dezesseis anos, curso o segundo ano do médio na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Coriolano de Medeiros. Eu tenho autismo suporte um, faço acompanhamento pelo CAPS, futuramente pretendo ser médico ou psiquiatra e empreendedor. Nós autistas sofremos muito bullying, me chamam de gordo, doido e Nerd. Nerd pode me chamar, que é normal hoje em dia, mas doido e gordo não é pra chamar não. E baixe a guarda”. Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o **Vereador Jamerson Ferreira de Almeida Monteiro**, representando os pais de autista: “Boa noite a todos. Saudar a Senhora Presidente Tide Eduardo, que conduz tão brilhantemente esta Câmara e os trabalhos, abraçar ao Vereador Ítalo, extensivo a todos quantos aqui presente estejam. Abraçar cada mãe e cada pai de autista. Por favor, levante a mão quem é mãe, quem é pai de autista aqui, as mães, os pais, familiares. Eu vou falar um pouco divergente de algumas que aqui me antecederam, porque ano passado eu estava aqui, na mesma qualidade que estou hoje, como pai de autista. Talvez eu represente demais, hoje, porque não tenho um broche, nem um paletó de vereador, mas continuo sendo pai de autista, desde que o Ryan nasceu. E ouvindo Samuel que me antecedia, falar, quando o Ryan tinha quatro anos de idade, na Escola Gente Inocente, a coordenadora, Raquel, chamou Ryan de doido. Motivo pelo qual eu tive uma reunião com o Pastor Bonifácio, tirei Ryan da Escola Gente Inocente, e pedi para que todos os pais de crianças neurodivergentes também o fizessem, porque aquela escola não tratavam as crianças como gente inocente. Inclusive, disse que o Pastor Bonifácio deveria até mudar o nome da escola dele, porque não tratavam a criança como gente inocente. Hoje eu tenho um filho com investigação para autismo, que é o Ravi, e passado quinze anos, o ambiente de Ravi e o ambiente que Ryan, os desafios que nós passamos, os preconceitos que nós enfrentamos, e Ryan hoje é muito mais diferente. A cada abraço, a cada manifestação que a ASPAA promove naquelas caminhadas, a gente nota pais diferentes, esse ano dois pais diferentes. Inclusive, teve um pai que pediu para doutor Glener não botar autismo no laudo: ‘bote aí TDH, porque é melhor TDH do que autismo’. E ele estava na caminhada, e foi o que mais chorou, na caminhada de autismo desse ano. Do lado dele, tinha parado o carro, vinha acompanhando, depois desceu do carro em movimento, a esposa, e ele veio abraçando o filho dele. Então, eu não poderia deixar de trazer esse depoimento. Avanços nós temos, mas a gente não pode aproveitar, a gente não pode deixar em brancas nuvens passar um dia, durante todo ano, que nós estamos: família, cuidadores, profissionais, ASPAA e os representantes. Eu acho que no próximo ano a gente deve chamar para

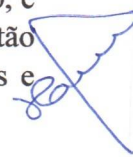
participar, pela primeira vez de uma audiência, o nosso prefeito, que não foi o meu candidato, mas é o meu prefeito, é nosso Prefeito Nabor Wanderley, para que ele venha pela primeira vez participar de uma Audiência Pública, para ele sentir os avanços que seu governo também tem construído, e ouvir de nós pais, familiares, as pessoas que estão no dia a dia com os autistas, as nossas agruras. Quem é pai sabe que a principal agrura, que a principal dificuldade que nós temos é a demora do fechamento do diagnóstico, é a demora da psicopedagoga, é a demora da TO, é a demora da fono. E nós não podemos em Patos, ter uma sentença entre a diferença do autista pobre pra o autista de classe média, porque essa diferença é enorme. A criança que tem autismo na rede pública, ela tem um tratamento, na rede privada é totalmente diferente, porque na rede privada a mãe que tem condições não espera, como espera na rede pública. Então, que não sejam dois autismos, que quem não tem condições de pagar uma psicopedagoga, uma TEO, uma fono, ela não tenha uma sentença diferentemente. E a realidade é essa, e a realidade é outra, tem mães de autistas que não vieram pra cá porque não tiveram condições de transportes, econômicas, de estarem aqui presentes, mas assistidas pela a ASPAA. A realidade econômica não pode ter uma sentença, e nós temos essa sentença. A última vez que entrevistara o secretário Leônidas, ele falava da enorme dificuldade na contratação de profissionais. Nós temos um avanço que daqui a alguns anos serão mais diferente essa realidade, porque nós temos aqui hoje uma faculdade que tem os cursos de fonoaudiologia e de terapia ocupacional. Então, à frente, daqui a quatro, cinco anos, quando a primeira turma se formar, nós vamos ter uma realidade totalmente diferente quanto a demora do fechamento desse diagnóstico, a fila de espera. Nós estamos na eminência de receber por parte do estado, a deputada Francisca Motta até anunciava um equipamento estatal, a Casa do Autista. E que venha não como edificação, mas que tenha profissionais. E deixo até uma ideia de como a gente pode construir. O Vereador Josmá Oliveira, uma vez, fez umas denúncias no Ministério Público sobre cuidadores, e até se espalhou que a ação pediria a demissão de alguns cuidadores. Nós viemos aqui na Câmara, e resolvemos. Inclusive, senhora Presidente, naquele dia nós criamos o Dia Municipal do Cuidador. Então, que a gente possa construir essa Escola Amiga do Autista. Só pra finalizar, porque eu não quero muito me estender, inclusive falo duas horas por dia, é o meu trabalho de jornalismo, mas em respeito às mães, em respeito ao tempo, a gente sabe que a audiência tem que ser rápida, a gente tem que economizar e otimizar o tempo, dizer que nós estamos esse ano em um patamar melhor do que o do ano passado, há mais avanços, mas ainda há grandes dificuldades. O George Lucas, pai de autista, está há dois anos numa fila de espera. É muito diferente, o tempo é outro, a cada dia que se perde em otimizar a vivência de uma criança, não verbal, é um prejuízo cognitivo enorme. Então é esse o nosso desafio, que as homenagens sejam feitas, que os títulos sejam feitos, que as autoridades venham pra cá, expliquem que os secretários, os auxiliares de governo, agora eu, como pai de autista, não posso dizer que está tudo bacana, porque não está, porque na minha frente tem um pai que fez um dois, dizendo que há dois anos está esperando. A fala de vocês já contempla mais do que minha fala. Eu venho aqui no mister da representatividade, mas as falas de vocês, que ano que vem essa realidade seja mudada. Aliás, para ontem, que se acelerem essas contratações, que vejam as formas mais rápidas de contratar. Se a gente tivesse, como tem em Lagoa de Itaenga, que eu estive presente na primeira caminhada do autismo, foi preciso um prefeito, que é o Dimas Natanael, a cidade nunca teve nada de autismo, o prefeito é pai atípico para a cidade poder caminhar, e eu fui lá e falei dos avanços que nossa cidade tinha. E sinto aqui a falta do próprio secretário de saúde. Então vamos fazer o seguinte, na Audiência do ano que vem, vamos convidar pela primeira vez, de dois mil



e dezoito até agora, nunca veio nenhum prefeito. Em dois mil e dezoito o Prefeito era Dinaldo Filho, que o Prefeito Nabor possa ter esse contato, que ele possa saber a agrura e a dificuldade de um pai e de uma mãe. Para encerrar o meu lugar simples de fala, aqui me dirijo aos senhores, as senhoras, vereadoras a fazer outro pedido. No dia vinte e cinco de março deste ano, a senhora Zedilma Candeia esteve no meu lugar de fala, quando do uso da tribuna livre, e ela fez a seguinte declaração, atentai os pais e as mães: ‘Os dois Conselhos Tutelares de Patos atendem, no mínimo, oito casos por dia de violência contra crianças, para resgatar crianças em risco. A ausência de políticas públicas eficazes em nosso município é alarmante. Se esses dados fossem amplamente divulgados, a população entraria em pânico, temendo até mesmo deixar seus filhos brincar em praças ou frequentarem algumas escolas de Patos’. A senhora Zedilma Candeia. E eu tive o cuidado de assistir a Sessão do dia vinte e cinco de maio, e não me espantou nenhum vereador, em vossos lugares de fala, fazer qualquer menção. Eu até preparei um Projeto de Lei, estava esperando a presença da Vereadora Nadir, certamente por algum motivo superior, ela por aqui não pode estar presente, que é uma vereadora muito atuante. Eu, antes de ser vereador, já apresentava duas leis, uma a Zé Mota, outra a Nadir, pra a gente colocar uma lei para semestralmente o Conselho Municipal dos Direitos da Criança vir a esta Casa prestar esses esclarecimentos, porque eu olhei para a Sessão, e não vi nenhum vereador, nenhuma vereadora, escandalizada em uma presidente do Conselho Tutelar dizer que Patos é a segunda maior cidade com incidência de abuso à criança e ao adolescente. Eu não posso sair aqui esta noite, sem atentar aos senhores e as senhoras, pais e mães de autistas, porque também podem ser vítimas de abusos. Então, uma Conselheira Tutelar dizer isso numa Câmara e nenhum vereador, em nenhum lugar de fala, chamar a atenção, isso é muito grave. Eu chamo a atenção de Vossas Excelências para que possamos apresentar algo, e que algo seja discutido, porque é muito grave. Eu quero entender que em algum momento o vereador estava olhando o celular, e não ouviu, como a Senhora Presidente, até na Sessão passada estava repreendendo alguns vereadores, que passam a Sessão olhando para o celular. Prestem mais atenção nas falas aqui. Quanto a não presença de um ou de outro vereador aqui, isso é normal, não quer dizer que eles não trabalham pelo autismo. Dizer que a gente não pode registrar mais, em nenhuma audiência pública, no ano que vem, a fala de um pai dizer que na fila estava em trezentos, passou um ano e está na fila de oitocentos. É uma vergonha! Muito obrigado a todos”. Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra a senhora **Júlia Sulpino**: “Boa noite a todos. Saudar Tide, em nome de todos os vereadores. Eu estava aqui escutando atentamente. Para nós gestores como é importante estar nesse momento. Eu me chamo Júlia, sou fonoaudióloga, passei na assistência desde de dois mil e vinte, trabalhei no CER, trabalhei no CAPS, acredito que alguns pais que estão aqui me conheçam. E hoje estou como Coordenadora de Saúde Mental, há mais ou menos dois meses, e eu estava refletindo a importância de a gente passar pela parte da assistência e, depois, está nesse momento de gestor. Eu fiquei refletindo sobre tudo o que eu passei enquanto fonoaudióloga, as angústias dos pais, eu escutava muito. Às vezes, eu cancelava a terapia para escutar e poder dar um direcionamento melhor a eles. E hoje estar aqui é um momento de esperança para eu conseguir captar e fazer esse diagnóstico, porque realmente, Jamerson, é inadmissível estar há tanto tempo na lista de espera. Mas eu reforço aqui o meu compromisso de diagnóstico e trabalho árduo e, diariamente, eu estou planejando estrategicamente, eu estou em conversa com as coordenadoras. Hoje eu passei a manhã inteira no CAPS revendo o que é que a gente pode fazer para melhorar essa assistência, para a gente rever essa lista de espera, em conjunto com os profissionais, que eles estão

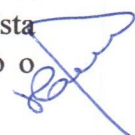


lá diariamente com essas crianças e as pessoas autistas. Eu digo as crianças, porque fala no sentido do desenvolvimento, de focar mais na parte primeira infância. Mas eu fico refletindo também, e eu vou começar a falar no CAPS II, que vão começar a chegar pessoas autista, e a gente precisa também estar capacitados para entender que essas pessoas vão estar na sociedade, trabalhando, fazendo faculdade. Eu não estou focando só nas crianças, mas sim nesses adolescentes e nesses adultos que, futuramente, vão estar inseridos na sociedade, e possam estar aqui também representando. Não vou me alongar, mas estou aqui para reforçar o meu compromisso não só como fono, que me orgulho muito, que foi um caminho árduo para eu ser fonoaudióloga, e por estar também na coordenação de saúde mental, mas reforço e me sensibilizo com cada palavra que escutei atentamente. E vou fazer o possível e o impossível para que ano que vem, quando a gente estiver aqui, a gente tenha mais avanços. Eu reconheço sim as fragilidades, mas eu tenho que reconhecer também que tem muitos avanços na saúde mental do município. Obrigada”. Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra a senhora **Joceli Oliveira**: “Boa noite, boa noite a quem está na Mesa, os senhores vereadores que estão também nesse espaço e quem está no auditório. Meu nome é Joceli Oliveira, eu sou uma mulher autista, sou mãe de duas pessoas autistas também: Lucy, de quinze anos, autista nível III de suporte, não oralizada, não alfabetizada, com deficiência intelectual profunda; e mãe de Alberto e sete anos, e nível II de suporte. Eu acho que vocês podem observar que eu sou nível I de suporte, o meu diagnóstico veio em dois mil e quinze, depois da investigação da minha filha, o que acontece frequentemente com alguns pais, tem acontecido ultimamente, graças ao avanço da ciência e do refinamento dos critérios de diagnósticos. E meu filho foi diagnosticado em dois mil e vinte, ano da pandemia. Minha filha é paciente no CAPS Infantil, o meu filho é paciente no CER, desde de dois mil e vinte, mas só foi chamado ano passado para psicóloga, e esse ano começou com a fono. Ele só tem esses dois profissionais. Eu vou fazer uso de uma apresentação, porque eu fiquei encarregada, segundo Elisângela, que é a vice-presidente da ASPAA, e a tarefa passada, para mim, foi de falar sobre o tema, então o meu papel hoje é de educar. Eu sou também professora, minha formação é Licenciatura em Letras, língua inglesa, eu fui professora de inglês por mais de quinze anos, também em alguns momentos, depois da minha especialização em autismo, na UNIFIP, a primeira turma, inclusive, Elisângela era minha colega de sala, passei a dar algumas aulas como professora convidada em alguns cursos de autismo, na UNIFIP também. Autismo, o tema é: ‘Conheça e respeite sua diversidade’. Autismo, brevemente, o que é? Uma condição neurodesenvolvimental, que afeta a forma como as pessoas autistas percebem, interagem com o mundo ao seu redor. Essencialmente no DSM, que é o manual de diagnósticos de transtornos mentais, é uma condição de neurodesenvolvimento que afeta principalmente a comunicação social e os interesses restritos da pessoa, o comportamento repetitivo. Afeta basicamente isso, mas a gente vai ver que é bem mais complexo do que isso. Eu fiz questão de colocar essa imagem aqui, ela vai aparecer em alguns slides, eu a quero fixada na cabeça de vocês. É um espectro de cores. Em dois mil e treze, autismo passou a ser chamado de transtorno de espectro autista. E aqui tem um espectro de cores, então tem com um monte de cores. Eu não sei se vocês usam, mas tem uma função no paint, no computador, e nos stories do Instagram, que vocês podem clicar numa cor, aí aparece um espectro de cores; se você mexer no mouse do computador no Instagram, para cada pixel, é cada micro quadradinho de luz, se mover pixel, vocês vão ter cores diferentes; se você mexer um pixel do lado, é outra, que tem um nome diferente, que tem uma numeração diferente, inclusive. Então quando a gente fala espectro autista a ideia é essa, é uma multiplicidade de traços e

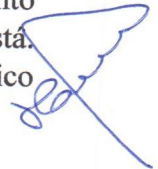


combinações, especialmente de combinações de traços. Então temos aqui vários lugares, se você colocar: 'ah, eu sou autista, estou ali mais pra cima, mas que cor eu sou?'. Eu sou uma mistura de várias cores. Nesse espectro de cores, a gente tem traços que influenciam a questão do comportamento dos autistas. Os interesses, muitos deles são restritos, bem restritos outros são menos restritos. Rigidez cognitiva. Funções executivas, ecolalia, comunicação social, comportamento, sensibilidade sensorial, que pode ser hiper ou hipo. Na verdade, todos os autistas são hiper e hipo, alguns têm hiposensibilidade a algumas coisas, por exemplo, eu tenho hipersensibilidade a sons mais agudos, mas sons mais graves me ajudam a me acalmar. Então depende que tipo de som, que tipo de frequência, que tipo de textura, que tipo de luz, que tipo de alimento de cheiro, enfim. O hipo, que têm hiposensibilidade, é quando tem, por exemplo, muita resistência a dor. Minha filha, por exemplo, já foi mordida, atacada por um pitbull, levou pontos no rosto, quando chegou em casa, ela foi para o espelho e foi puxar os pontos sem dor nenhuma. Então ela é hipossensível a dor, mas ela tem hipersensibilidade auditiva, com muita frequência mesmo em um ambiente com pouco barulho, ela tampa os ouvidos. Então isso é a variação, esse é o espectro de cores e de variações na existência de uma pessoa autista. Déficit de atenção, seletividade alimentar. Os estímulos, que estão ali, são aqueles comportamentos repetitivos e auto regulatórios, que a gente repete muito; faz algum movimento repetitivo autorregular, mas também pode ser uma expressão da nossa ansiedade ou de alguma coisa que está incomodando. Na ecolalia, repetição de sons, pode ser simplesmente um exercício de regulação, mas regulação porque tem algo incomodando. Nas funções executivas, é muito comum autistas e outros transtornos terem disfunções executivas. Basicamente, a gente colocou três aqui: memória operacional, controle de inibitória e flexibilidade cognitiva. No controle inibitório: capacidade de inibir o comportamento, filtrar pensamentos, controlar impulsos e resistir a tentações, parar e pensar antes de agir. Isso aqui não sobre autismo, todo mundo tem funções executivas, o cérebro de qualquer pessoa é desenvolvido para isso. Memória operacional: capacidade de manter e manipular informações mentalmente, possibilitando relacionar, integrar informações, lembrar sequência ou ordens e projetar sequência de ações no futuro. E finalmente a flexibilidade cognitiva, é muito mais ampla do que isso, mas isso aqui é um resumo: capacidade de mudar o foco atencional, alternar entre tarefas e focos, considerar diferentes perspectivas, adaptar-se às demandas do ambiente, habilidade intimamente ligada à criatividade e a resolução do problema. Se você pensa numa pessoa autista, se vocês estão pensando no seu autista em sala de aula, com a dificuldade de ficar sentado, ficar quieto, de prestar atenção, de fazer um movimento com lápis, de atender à ordens, tudo isso tem a ver com essas funções executivas, que são muitas complexas. E é por isso que é importante a formação continuada que a querida Sônia estava falando. Na verdade, o que a gente já conversou, inclusive no começo do ano, junto com a ASPAA, é que, antes da pessoa entrar na sala de aula, aconteça uma formação, para ela não entre completamente no escuro; pegar uma pessoa autista, ou com qualquer outra deficiência, sem saber como lidar. Imagina não entender a complexidade disso, ver o comportamento de uma pessoa, como eu vi de uma diretora que disse: 'Ah, sua filha é calma, mas a outra aqui já me deu um tapa na cara'. Isso é comportamento, ela está desregulada, ela está fazendo isso porque ela está querendo comunicar alguma coisa, ela não está querendo te dar um tapa porque ela é violenta, é porque ela está desregulada, está precisando de ajuda e, provavelmente, ela não está tendo essa ajuda. E daí, quando a gente fala de espectro, tem muita que diz: 'Ah, o autismo é leve, você é menos autista do que sua filha, de quinze anos'. Acham que é assim o espectro: menos autista, mais autista. Mas, na verdade,

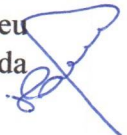
quando a gente fala de espectro, a gente está falando desse segundo círculo ali, que são as cores, tem uns menos e mais, essa é a ideia. Aí tem ali: alguns traços, visibilidades sociais, direitos sociais, rotinas, processamento sensorial, autorregulação, percepção, comunicação executiva. Aí tem uns que tem aquela azul completo, lá no final, laranja, e aí vai mudando. Cada perfil de autista é único e toda essa montagem da pessoa, essa configuração individual, é individual, é única, não se repete. Por isso que o PEI não pode ser usando pra outra pessoa, não existe isso, é impossível você usar um PEI para a mesma pessoa, porque não existe isso, as necessidades são outras, e isso precisa ser visto em sala de aula. E pra completar, além de todos esses traços, autismo nunca vem sozinho, sempre vem com alguma comorbidade, com uma condição pré-existente. Quais são elas? Algumas delas: TOC, TDH, bipolaridade, super dotação, dislexia, borderline, depressão, transtorno de ansiedade. Transtorno de ansiedade, depressão e TDH são os mais comuns, e superdotação, em alguns casos. Esquizofrenia, discalculia, é muito comum isso. E vou colocar uma opinião pessoal, e vou discordar de Jamerson, que falou do centro do autismo, da casa do autista e tal. Sou muito mais pra frente e até incluí na lista de cobranças da gente, que quando a gente pensa num centro pra acolher pessoas autistas, a gente está pensando que autismo é quê? É uma coisa só? Autismo é uma condição muito complexa, e daí a gente precisa fortalecer políticas públicas já consolidadas, como o CAPS infantil, adulto, e CER. A gente precisa fortalecer esses centros, garantir a expansão, ter mais profissionais qualificados, formar esses profissionais, porque eu sou autista e tenho depressão e ansiedade. Então, eu preciso de um médico, de terapeutas que tenha condições de me tratar pra isso também. Eu conheço autista que têm transtorno de bipolaridade. E todas essas condições, o lugar ideal pra ser tratado é no CAPS. E daí eu quero mais uma vez, fazer a defesa do público, a defesa do CAPS e o fortalecimento do CAPS, como centro atenção psicológica social, porque a gente precisa disso para o resto da vida. Não é só CAPS infantil. Tem um recente, que completou dezoito anos, que era atendido no CAPS infantil, que a mãe não mandou para o CAPS adulto, e está fazendo um esforço danado pra ir para uma clínica privada, porque sabe que lá no CAPS adulto não tem condições de receber o filho dela, nível III de suporte. E alguém falou aqui: 'vai começar a chegar no CAPS adulto'. Não chegou ainda porque o povo tem medo de mandar para o CAPS adulto. Qual é a estrutura que tem pra garantir esse acompanhamento continuado? Porque as terapias não são só na infância. Eu preciso de terapeuta ocupacional, e não tenho acesso; eu preciso de psicólogo, e não tenho acesso. Desregulação, eu vou pegar dois traços, que é muita coisa, e não dá tempo, o técnico, por favor, eu gostaria que você colocasse esse vídeo, porque eu acho tão essencial pra mostrado. Esse vídeo é uma sala de terapia, é um professor de educação física fazendo uma terapia com um menino autista adolescente. Então, veja só, ele está desregulado, e ele precisa fazer os exercícios da terapia. O vídeo é bem curto, olha o tamanho do professor. Ele deu chute. Acolha, não julgue, a crise é uma forma de comunicação, e os profissionais precisam entender isso, que tem profissional que se recusa a atender autista que tem comportamento mais agressivo, e eu já vir isso aqui no serviço público. Mas esse tipo de comportamento é uma necessidade, a pessoa está pedindo ajuda, ela precisa de ajuda, ela está se comunicando; ele está desregulado, e, depois, que ele se regula, ele consegue fazer as atividades. Então, lembre-se, a crise é momentânea e o vínculo é eterno. Um autista com um nível maior de suporte, mais dificuldade na regulação emocional. E na verdade, dificuldade na regulação emocional, nem quer dizer nível forte. É possível adultos terem dificuldade de regulação emocional numa crise. Eu conheço um autista adulto, tem mestrado, que teve crises muito complicadas, e teve que ser chamado o




SAMU, ser dopado pelo SAMU e internado, e autista nível um. Então, crises de regulação não quer dizer por nível de suporte. E quando a gente chega para aos autistas que vão pra o mercado de trabalho, que são esses tipos 'funcionais', e com muitas aspas, é outra palavra mau usada a gente chega nesse ponto burnout autista, que está sendo muito estudado, e esse aqui é João Carlos Leitão, a questão printar, que ele é um psiquiatra autista, e ele fala sobre autismo nas redes. Então burnout autista é um estado colapso físico, emocional e cognitivo, causado por anos de camuflagem de social, porque a gente camufla o tempo todo, sobre a carga sensorial e pressão neuroatípica, exaustão extrema e de perda de habilidades sociais, sensibilidade aumentada e a regressão funcional. Estudos mostram alteração no eixo HPA, aquele que regula sua resposta ao estresse, mas acham que é preguiça. Para eu estar aqui hoje, por exemplo, eu estou com suporte, e estou com uma amiga aqui, Aline, que veio comigo, como suporte emocional. Ela chegou hoje de tarde lá em casa, e eu não tinha nem iniciado esses eslaides, porque eu estava paralisada por uma crise de ansiedade, não estava dormindo bem há três dias, por causa desse momento aqui. eu tenho crises de ansiedade pra falar em público, diante de pessoas desconhecidas, e é o tipo de suporte que a gente precisa. Eu estou de novo atravessando o início de outro burnout autista, que eu já tenho passado por alguns, e estou a cada ano demorando mais a me recuperar. Essa é a minha família. Eu sou mãe solo, e eu fiz questão de colocar essa foto, mas quando vocês olham pra essa família, eu gostaria que vocês pensassem em outras famílias, como a família desse pai, que falou aqui. Eu queria que, na verdade, essa Audiência Pública, mais pra frente, fosse estruturada de outra forma, para que as pessoas tivessem mais voz. Esse público que está sentado aqui, os pais pudessem falar espontaneamente, porque, senhores vereadores, vocês não fazem ideia da realidade. Eu não tenho tempo de falar aqui de realidade. Inclusive, fiz um compromisso com a ASPAA, na última reunião que participei com a diretoria, de vir aqui, pelo menos uma vez por mês, pra usar a tribuna, e falar a cada vez de um tópico separado, porque demanda muito tempo. O Vereador Rafael foi na ASPAA também, e ouviu a gente, por mais de duas horas, e ainda não ouviu nem a metade do que a gente precisa. E fiquem à vontade os outros vereadores pra nos procurar, nós precisamos muito de ajuda, muito mesmo. Então, essa família aqui, eu eu sou mãe solo, fica pensando assim: eu sozinha em casa, o meu pai está com os meus filhos, mas quando eu chego em casa, ele vai pra casa, e daí eu estar desregulada, por causa disso aqui, eu estou me tremendo; quem é que olha os meus filhos? Ninguém olha os meus filhos. Eles já me viram várias vezes desregulada, eles já me viram várias gritando com um travesseiro na cara, entende? E eu preciso me regular minimamente para dar conta deles, porque eles precisam de mim, o tempo todo. Não existe alguém ficar com os meus filhos para eu fazer alguma coisa Aline estava lá em casa, hoje, ela disse: 'fique aí fazendo os slides, que vou dá um banho em Lucy'. Mas eu não conseguia me concentrar, porque eu ficava: ela não sabe, ela nunca deu banho em Lucy, então como é isso? Enfim, não existe essa coisa do descanso, de uma pessoa ficar lá, e eu descansar, não existe isso. Já tentei com minha mãe, inclusive, e os meus filhos ficavam batendo na porta do quarto. Eu não tenho descanso há anos. Eu não tenho descanso. E daí o que a gente precisa? Na saúde: as terapias, que é direito básico. Esse número que o senhor falou aí, de trezentos, que foi pra oitocentos, a última reunião que a gente teve no CAPS, falaram numa lista de mais de quinhentas pessoas. Então, se CER tinham mais de trezentos, e no CAPS tinham mais de quinhentas, então, juntou as duas, deu mais de oitocentos. Então isso é a realidade de Patos e região. Gente, imagina o tanto de gente que está sem acesso a qualquer terapia, imagina o caos que a gente está. Avançamos? Avançamos, mas precisamos de muito. Nossa! Está num nível muito básico



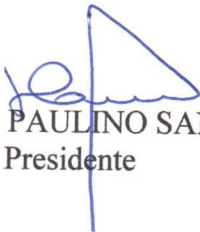
ainda. Profissionais qualificados, ampliação dos atendimentos, de novo, repetindo, redução das filas de espera, investimentos de políticas públicas consolidadas, falei sobre CAPS e CER. Na educação, acompanhantes especializados e qualificados. Eu coloquei aqui a Lei Berenice Piana, artigo 3º, § 1º, que fala o termo acompanhante e especializado. A gente precisa discutir isso, e eu vou voltar pra discutir isso, com mais calma, e apresentar Projeto de Lei, inclusive. Mas, por exemplo, eu vou citar minha amiga Aline, ela é uma das representantes do Coriolano, ela é professora no Coriolano, e professora no Rio Grande do Norte também. No Rio Grande do Norte todos os cuidadores são pedagogos, são professores, porque precisam mediar a aprendizagem de pessoas que têm uma neurodivergência, que aprendem de forma diferente. Como é que você vai colocar um cuidador sem formação pra mediar isso? Então, o que a gente tem hoje, aqui em Patos, é um avanço? É porque garante que os meus filhos e os outros filhos estejam na escola, mas é um arremeto, é um paliativo. Eles não estão tendo acesso à educação que eles precisam. Então, a gente precisa investir e melhorar o acesso da aprendizagem de nossos filhos. Professores capacitados, a AE em todas as escolas é urgente. Escolas privadas também, senhoras, deveria ter a AE nas escolas, é importante; núcleos de inclusão eficientes. Daí eu não estou falando só em universidades, escolas técnicas e empresas também. Adaptações, que está acontecendo bem pouco nas escolas. Para a sociedade, respeito, que envolve: se informar, como a gente está fazendo agora; as adaptações em todos os espaços; oportunidades; solidariedade na empatia, nas lutas, nas defesas. A gente precisa de ajuda. O futuro agora, é que a possibilidade de existir. Então, centros dias, residências assistidas e espaços pra regulação sensorial. Eu queria concluir com um áudio, que o perfil da ASPAA recebeu, e Elisângela mandou pra mim, esse áudio, e foi muito difícil. Não é um áudio longo, mas vou colocar pra vocês ouvirem, para vocês entenderem um pouquinho da realidade". Exibição do áudio: "Oi, gata, boa tarde! Você é da ACD de Patos. Deixa eu explicar a tu, eu quero uma informação, pedir socorro, porque faz um mês que a minha irmã faleceu, e a minha sobrinha tem vinte e sete anos, ela é autista, como é que chama? Tem problema. Eu queria saber se tem como vocês me explicarem, uma informação bem direitinho, se aceitam ela, porque as coisas para ela estão difíceis, a família ninguém quer. Aí está difícil. Eu estou aqui na casa deles, em Goiás, Brasília. Aí está difícil o problema dela, tem família, mas ninguém quer cuidar. Aí o problema dela tem que internar, deixá-la, porque ninguém quer cuidar. E eu não tenho condições também não, que eu cuido da minha mãe, que tem oitenta e três anos. E para eu tomar de conta dela, aí fica pesado pra mim. Aí não tem como não, mulher". Essa é a realidade de muitas famílias, os autistas continuam crescendo, porque os autistas sempre existiram. Muitos deles hoje em dia são marginalizados, então na rua, estão presos em casa, sofrendo violência. Hoje em dia nós estamos um pouquinho educados, mais civilizados, então a gente precisa criar espaços pra isso. E eu vou terminar com essa fala de Carol, ela é uma autista de nível II, III de suporte, e é mais um pedido de socorro, que a gente precisa de falar sobre isso urgente. 'Sou autista de nível II e III, e preciso de suporte vinte e quatro horas. Se minha mãe e tia se forem antes de mim, e alguém aceitar ficar comigo, na primeira crise que eu tiver, por motivos mínimos, a pessoa vai me largar. Na primeira mordida que eu der em alguém, durante a crise, ela vai me largar. Uma semana, aguentando minhas demandas, vinte e quatro horas, todo dia, ficar em casa comigo, porque meu sensorial não aguenta sair com frequência, e ela vai me largar. Eu não vejo mais ninguém nesse mundo fazendo pra mim, o que minha mãe e tia fazem, sem serem pagas pra isso'. Por que tão poucas pessoas da comunidade falam sobre? Carol cresceu sem terapia. E na escola, vista como uma pessoa com deficiência intelectual, mandada



pra casa o tempo todo. Hoje ela tem trinta e poucos anos, não é nos ajudar meio período, ir na nossa casa e em alguns dias na semana, algumas horas por dia, pra nos dá instruções, nos ajudar com os cuidados da casa e nossos, isso é para o nível um, e só isso já difícil; pra nós é todo dia, o dia todo, dia e noite, não é simples, não é qualquer pessoa que aceita cuidar como se fosse uma criança, sendo que somos adultos. Quem vai aceitar cuidar e ainda ficar levando mordida, agressão dos que ficam agressivos em crise, isso de graça e de uma pessoa que não é seu filho? Ninguém. As moradias assistidas são urgentes pra nós. Esse Projeto precisa sair do papel urgentemente, porque o tempo não espera, o tempo está passando pra nós, hoje adultos, e na velocidade que as coisas andam, infelizmente, isso não vai chegar a tempo para usufruirmos. Que Deus tenha misericórdia de nós, porque estamos abandonados pelo Estado. Mas as crianças de hoje serão adultas, e pra eles ainda dá tempo de oferecer esse suporte. Autista cresce, e os pais não são eternos, essas medidas são urgentes. Chega de discurso bonito e homenagens só em abril. O cuidado é coletivo, não é só obrigação da mãe, porque a gente está sobrecarregada; não é só obrigação só da mãe, e eu sou mãe solo, mas têm mulheres casadas que são mães solo dentro de um casamento, porque elas sozinhas cuidam. O cuidado é coletivo porque o estado também precisa garantir o cuidado. A gente paga imposto pra quê? É pra garantir o cuidado também. Então é isso. Eu agradeço e peço desculpa pelo longo tempo". A Senhora Presidente disse: "Ouvindo aqui essas palavras de Jossely, lembro do tema: 'os autistas crescem', não é isso Elisângela? É tema tão complexo, é um tema tão de se pensar, que eu vi aqui, no rosto de Gigliana, como ela se sentiu com essa mensagem. Então, diante de todos, gostaríamos de ver o seu projeto, ver o projeto também de Jossely, e o que vocês também tiverem pra nos repassar, nós também estamos prontos pra receber, porque, na verdade, quando se fala em autismo, as próprias cores já mostram a complexidade, e quanto mais se estuda tem mais o que aprender. Então, diante desta Casa, nós estamos abertos ao diálogo, como também abertos receber todo e qualquer projeto, toda e qualquer ideia, pra que a gente possa também contribuir da melhor forma possível com a causa do autismo. Todos os vereadores aqui presentes estão diante também dessa mesma fala, que nós estamos aqui diante de um algo muito complexo, mas também queremos agradecer profundamente a todos que vieram aqui nesta noite. Quando se fala de autismo, se fala de família, se fala de amor. Então, nosso agradecimento pelo dia de hoje, pela anoite de hoje. E essas palavras aqui elas não foram em vão, cada Audiência dessas, Elisângela, surge o nome autismo e surge com mais fortalecimento. Então, o nosso muito obrigada. E eu lhe digo, mesmo antes dessa Audiência iniciar, eu já conversava com Rosângela, e Rosângela nos falava da capacidade do CER, uma mãe que tem um filho fazendo terapia, quando a psicóloga diz que ele vai ter alta, ela entra em pânico, ela tem medo do retrocesso. Mas enquanto aquela mãe que não quer que a terapia do filho pare, tem a outra batendo na porta, eu quero que meu filho inicie. Então, isso é muito complexo, isso é muito além do que a gente pode imaginar. Então, que as palavras de Jossely, quando se fala de CAPS, quando se fala de CER, como também as palavras de Jamerson, lembro o nosso secretário Leônidas, quando ele dizia que, sempre que faz uma chamada pública para um terapeuta ocupacional, dá sempre vazio. Mas a nossa esperança já tem uma luz, a UNIFIP, daqui a pouco tempo, nos dará muitos profissionais na área. E Patos, com certeza, daqui a pouco tempo, nós teremos outros tempos. O nosso muito obrigado por vocês ter vindo aqui na nossa Casa. E eu fiz um mimo pra vocês, nós temos buffer no nosso pátio aguardando todos vocês, com muito carinho". Não havendo nada mais a tratar, agradecendo a presença de todos, a Senhora Presidente deu por encerrada a presente Audiência Pública, às vinte horas e trinta e cinco minutos.



SALA DAS SESSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS/PB (CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA). EM, 30 DE ABRIL DE 2025.



VALTIDE PAULINO SANTOS
Presidente



JOSÉ ÍTALO GOMES CÂNDIDO
1º Secretário "Ad hoc"



MAIKON ROBERTO MINERVINO
2º Secretário "Ad hoc"